



“O senhor é meu pastor e ele sabe que eu sou gay”: Troy Perry e o contexto da formação da Metropolitan Community Church

Pablo Vinicius Napoli¹

Resumo: O artigo tem como recorte histórico os Estados Unidos da década de 1970 e se propõe a analisar como fonte a autobiografia de Troy Perry, fundador da igreja Metropolitan Community Church. “The lord is my shepherd and he knows I’m gay” (PERRY; SWICEGOOD, 1972). Pretende-se discutir teoricamente o conceito de modernidade religiosa da socióloga Danièle Hervieu-Léger e contribuir para a discussão sobre as igrejas inclusivas (igrejas voltadas para o público queer), especificamente sobre a Metropolitan Community Church, sobre o lugar da religião e instituições religiosas na sociedade moderna (especialmente sobre seu possível papel contra-hegemônico) e as relações entre sexualidade e religião nos Estados Unidos da metade final do século XX.

Palavras-chave: Metropolitan community Church; Igreja da comunidade metropolitana; Igreja inclusiva.

Introdução

O termo ‘igrejas inclusivas’ é comumente utilizado no Brasil, tanto na academia quanto fora dela, para designar as instituições religiosas, normalmente cristãs, que têm como principal público pessoas LGBTQIAP+. O fenômeno é novo no Brasil, tendo iniciado no fim do século XX, mas já encontra uma diversidade de propostas, assim como alguns estudos que se dedicaram a esse fenômeno. Os exemplos trazidos pela Comunidade Cidade do Refúgio, fundada por um casal de pastoras lésbicas e de estilo neo-pentecostal; da Igreja Cristão Contemporânea, pastoreada por um casal gay e de estilo pentecostal; e a Igreja da Comunidade Metropolitana, filiação brasileira da Metropolitan Community Church (MCC) e que prega um cristianismo ecumênico defensor dos direitos humanos; nos dão uma visão da pluralidade de modos de ser das igrejas inclusivas no Brasil. São adotados diferentes estilos litúrgicos e dadas diferentes ênfases a diferentes aspectos, com Natividade (2008) as dividindo entre uma ‘inclusão radical’ proposta pela Igreja da Comunidade Metropolitana e uma ‘homossexualidade santificada’ do ‘pentecostalismo inclusivo’.

Embora as igrejas inclusivas tenham características peculiares no Brasil, não são originárias do país, mas são um fenômeno importado dos EUA, onde a discussão já existe

¹ Mestrando no programa de pós-graduação em história da Universidade Estadual do Paraná. E-mail: ral11441@uem.br.



desde a década de 1970. White (2007) relata a existência de uma igreja inclusiva na cidade de Atlanta já em 1946. Fundada em 1968 pelo reverendo Troy Perry, a Metropolitan Community Church é considerada a maior igreja inclusiva do mundo, chegando a ter mais de duzentas congregações apenas nos EUA. O artigo pretende apresentar a igreja, assim como realizar uma discussão histórica tomando como fonte a primeira autobiografia do fundador e como marco teórico o conceito de modernidade religiosa.

A fonte

A Metropolitan Community Church foi fundada em 1968 pelo reverendo Troy Perry, um ex-pastor pentecostal, na cidade de Los Angeles. A igreja é conhecida como uma das maiores igrejas inclusivas do mundo e um dos principais órgãos em defesa das identidades LGBTQIAP+. Ao longo de sua história foram produzidos diversos documentos que buscavam publicizar a igreja, inclusive duas autobiografias do fundador. Tendo como objetivo compreender o início da denominação e seu crescimento, tomamos como fonte a primeira autobiografia de 1972.

O livro retrata toda a vida de Perry até o momento da escrita, desde seu nascimento até os primeiros desafios como fundador da igreja. A fonte se divide em dez capítulos, tendo antes do começo dos capítulos um prefácio escrito pela mãe de Perry e uma introdução do próprio autor. Após os capítulos também há um epílogo escrito pelo autor. Os dez capítulos são: In the beginning; Coming up; Wanderlust; The bonds of matrimony; The gay scene; God cares; Our militant stand; Growing pains; Home!; Outreach. De forma geral, se poderia dividir o livro em dois ciclos, um antes da fundação da igreja e um depois. Os cinco primeiros capítulos relatam desde seu nascimento até sua tentativa de suicídio, encerrando um ciclo onde Perry se redescobre como pregador. Os cinco últimos capítulos narram a fundação da igreja na sua sala de estar até a expansão pelos EUA.

Através da leitura da fonte foi possível perceber como era tensa a relação entre sexualidade e religião. Toda a narrativa do autor gira em torno do amor à religião, com Perry sendo profetizado a pregar já na infância. Mas esse amor ao sagrado cristão vem acompanhado de uma noção de sexualidade ligada ao pecado que só é reforçada com as primeiras experiências homossexuais do autor. Dado o contexto de opressão e silenciamento de orientações sexuais e de gênero não-normativas, principalmente no contexto religioso



pentecostal em que Perry estava inserido, o autor se sente culpado de seus próprios impulsos, em diversos momentos questionando Deus por o fazer desse jeito:

Eu continuava perguntando: ‘Porque eu, Deus? Agora, porque, Deus, você me chamou para pregar e eu tenho esses sentimentos? Porque eu tenho essas atrações para com o próximo?’ Eu tinha um conflito entre meus sentimentos e o que a igreja ensinava. Eu perguntava a Deus em minhas orações. Eu lembro, eu dizia: ‘Porque Deus você me deixou ter esses sentimentos mesmo antes de eu saber que eu era destinado a pregar?’ (PERRY, 1994, p. 58)

Como forma de resolver sua situação e seguir o caminho pastoral, Perry decide casar, prática comum na época. Ao longo da adolescência, do casamento e de seu trabalho como pastor o autor alterna entre ciclos onde ora cede aos desejos sexuais e ora os reprime, sempre com a culpa cristã em mente. Nesse ciclo, alternando entre o prazer da sua vivência homossexual e uma moral cristã fechada, entra em constante conflito psicológico. O conflito não é só interno, mas vai resultar em diversas situações ao longo de sua vida, como sua expulsão das igrejas onde pregava. A tensão chega a um ponto onde Perry não consegue mais suportar e ele finalmente se assume, se divorcia e decide viver sua recém-descoberta identidade homossexual.

Na cidade de Los Angeles, o autor conhece a comunidade gay do fim da década de 1960, ainda em constante reflexão sobre sua relação com o divino. Inserindo-se nessa comunidade, conhecendo os dialetos; os lugares; as pessoas; o autor se reconhece como parte desse mundo, assim como enxerga suas necessidades. Após uma experiência de suicídio, o autor reata sua relação com Deus e decide voltar ao caminho profetizado, mas agora fundando uma igreja para as necessidades da comunidade da qual fazia parte: “Deus queria que eu começasse uma nova igreja para a comunidade gay [...] O senhor estava me preparando” (PERRY, 1994, p. 116, tradução nossa).

A igreja se torna rapidamente um sucesso, crescendo com uma velocidade assustadora desde o primeiro culto realizado na sala de estar do reverendo. Para o historiador fica a pergunta sobre o porque a igreja cresceu tanto e tão rápido e, principalmente, porque nesse momento histórico foi possível a fundação de uma igreja cristã voltada para a comunidade gay, dada a histórica relação de opressão entre a igreja cristã e homossexualidade. Além de cristã, a igreja fundada por Perry também tinha fortes heranças de sua origem pentecostal, apesar de ser ecumenica, e uma teologia que, em alguns pontos, era conservadora; a própria estrutura da autobiografia, com o foco na profecia e na relação pessoal com Deus, lembra a



estrutura de autobiografias de líderes pentecostais. Como interpretar esses fatores, que a igreja para homossexuais se deu nesse tempo histórico e que ainda foi resultado de um pastor pentecostal e de uma teologia relativamente conservadora? Apenas acessando o contexto religioso dos EUA da época é possível compreender as questões e acreditamos que o conceito de modernidade religiosa nos é útil nesse sentido.

O conceito de modernidade religiosa

Pensando na fonte analisada e, no seu contexto, optou-se por utilizar o conceito de modernidade religiosa cunhado pela socióloga francesa Danièle Hervieu-Léger (2000, 2015) como aporte teórico. De forma resumida, entende-se por modernidade religiosa um conceito que busca refletir sobre como a modernidade, a partir dos anos 1960, tem suas próprias contradições e seus próprios mecanismos de produção religiosa, o que implica reconhecer que tanto as instituições religiosas quanto os crentes estão operando sobre uma nova lógica que difere substancialmente da que se conhecia anteriormente.

Adotar o conceito de modernidade religiosa permite que o desenvolvimento da pesquisa assuma com maior propriedade teórica as mudanças observadas no campo religioso, mais especificamente os grandes movimentos que ocorreram a partir dos anos 1960, com eventos como o movimento New age e a ascensão pentecostal. Com a perda de legitimidade dos antigos sistemas e instituições que produziam significado; no caso dos EUA as denominações do protestantismo histórico ou mainline (MCKINNEY; ROOF, 1986); observou-se um movimento nas sociedades ocidentais que deu ênfase ao indivíduo como produtor próprio de significado, instituindo uma sociedade onde o pluralismo e a mudança são características essenciais, dando origem a uma multiplicação de pequenas comunidades e um ambiente onde a religião se torna uma escolha entre outras. Essas observações são de especial importância para os EUA, pois o ambiente religioso era organizado de uma forma muito específica que já era bastante liberal e plural, mas que demonstra uma exacerbação dessas características após os anos 1960.

Observando esse processo, Hervieu-Léger (2000, 2015) questiona as definições tradicionais de religião. Esses modelos não dariam conta de analisar a complexidade e diversidade com que a religião se reinventa na modernidade, com uma infinidade de formas de crer e de pertencer não reguladas por nenhuma instituição. Então, a autora cria um panorama teórico, centrado no conceito de tradição ou linhagem do crer, que se recusa a ver a



religião como resquício de uma tradição cada vez mais fraca, mas busca observar como as características da modernidade tornam possíveis novos tipos de comunidades religiosas emergirem, pregando novos modos de crer e pertencer. Essa reconfiguração do crer pode assumir modos que operam uma combinação de fatores religiosos com outros elementos sociais, como etnicidade. É argumento do presente artigo que essa combinação também pode se dar com a orientação sexual, tida como um forte fator identitário. Isso se dá por que:

Transformada em um reservatório de signos e valores que não mais correspondem a formas nítidas de pertencimento e comportamento que obedecem a regras feitas por instituições religiosas, a religião (no sentido de religião tradicional) tornou-se uma matéria-prima simbólica, eminentemente maleável, que pode ser reprocessada de diferentes maneiras conforme exigido por quem a extraí. Assim, a religião pode ser incorporada a outras construções simbólicas (HERVIEU-LÉGER, 2000, p. 158, tradução nossa)

O que se poderia concluir é que, na modernidade, fatores identitários poderiam se juntar a fatores religiosos, dada sua disponibilidade, formando um tipo específico de religiosidade que só pôde ser produzida nesse contexto histórico e entendida a partir desse mesmo contexto. Temos, então, que a MCC já não é qualquer movimento religioso, ela tem um lugar que lhe é próprio dentro da fluidez da modernidade.

Acreditamos, então, que tenhamos um panorama teórico que compreende que: “A transformação moderna do campo religioso é em si mesma nova” (HERVIEU-LÉGER, 2000, p. 69, tradução nossa). Com essa compreensão pode-se começar a entender a situação em que a MCC estava envolta e a perceber como um produto próprio das dinâmicas (dos novos problemas e das novas soluções) do contexto moderno e agitado dos anos finais da década de 1960.

Algumas considerações sobre a dinâmica religiosa pentecostal

Bauer (1976), ao se debruçar sobre a mensagem religiosa da MCC, se surpreende menos pelo seu conteúdo e mais pelo modo como ela é passada: “Essa mensagem religiosa é, contrariando expectativas, expressada em uma linguagem teologicamente conservadora” (BAUER, 1976, p. 115, tradução nossa). Wilcox (2001), ao analisar a fundação e crescimento da MCC se faz a mesma pergunta:

A discussão sobre o desenvolvimento da UFMCC’s não pode ser fechada sem retornar a questão que intrigou Bauer e Warner, a justaposição que nunca para de surpreender aqueles que ainda não ouviram sobre a MCC:



Porque a 'denominação de gays e lésbicas' seria uma fundada por um ex-ministro pentecostal, completada por surtos de dons carismáticos e, em alguns assuntos, uma teologia bastante conservadora? (WILCOX, 2001, p. 100, tradução nossa).

A inspiração pentecostal da MCC chocou os autores, principalmente os que tratam de seu começo, mas não gerou neles um interesse por definir o que entendiam por 'teologia conservadora' ou buscar entender que dinâmica religiosa está presente no pentecostalismo. Acreditamos que isso se dê em função da fixação na divisão moral e política conforme delineada em American mainline religion (MCKINNEY; ROOF, 1986), que fez toda a bibliografia se perguntar por que um grupo gay se tornaria religioso sem realmente questionar as afirmações que norteavam esse questionamento. No entanto, agora que temos o conceito de modernidade religiosa como guia teórico para entender o contexto e as dinâmicas a que estavam sujeitos a MCC e seus fiéis, se faz necessário um novo questionamento, onde possamos expandir as perguntas feitas ao objeto:

A questão básica aqui diz respeito aos fatores que em circunstâncias históricas específicas fazem com que tais características emergam, se cristalizam e talvez se organizem na forma de religião. Uma vez aceito que a dimensão do crer, presente em toda atividade humana, pode assumir uma forma religiosa e ser um ingrediente essencial em fenômenos que podemos chamar de religiões, a questão realmente interessante diz respeito à transição do virtual para o realmente religioso (HERVIEU-LÉGER, 2000, p. 111, tradução nossa).

Autores como Robbins (2009) e Campos (2012, 2014) se indagaram sobre como essa dinâmica é posta em ação tendo em vista as mudanças no cenário religioso, como a ascensão do próprio pentecostalismo; o uso de recursos midiáticos; as discussões morais; a multiplicação e rápida expansão de diversas novas igrejas; etc. Acredito que, embora seja construída tendo outro panorama em mente, a literatura sobre a liderança carismática pentecostal pode nos fornecer elementos de discussão importantes e nos ajudar a perceber aspectos essenciais na formação da MCC e da figura de Perry.

Robbins (2009) nos dá uma definição de pentecostalismo que se atenta mais para sua performatividade ritual e emocional do que seu conteúdo em si. Com isso se quer dizer que, tendo em vista o objetivo da pesquisa, se entende o termo 'pentecostalismo' como um modo de sociabilidade religiosa, uma experiência ritual marcada fortemente pela emoção e pelo sentimento de comunidade. Então, não se busca descobrir em qual medida a MCC seria uma



igreja pentecostal ou conservadora segundo a definição corrente na sociologia americana (MCKINNEY; ROOF, 1986), mas em que medida esse modo de experiência emocional ajudou na: “transição do virtual para o realmente religioso” (HERVIEU-LÉGER, 2000, p. 111, tradução nossa.). Trechos da bibliografia, da autobiografia e outras produções permitem argumentar que essa experiência emocional coletiva estava presente de alguma forma nos primeiros anos da MCC e moldava alguns de seus aspectos principais.

Nessa perspectiva, Campos (2012, 2014) nos ajuda a entender melhor a dinâmica presente nas igrejas que fazem uso dessa experiência. Ela entende que nesse tipo de culto, há uma ‘circulação do carisma’ entre o líder carismático e os crentes. Com isso é possível que o líder carismático se construa como ‘celebridade de fé’, que tem o carisma gerado do compartilhamento e transmissão do carisma coletivo, tanto para pastores menores, quanto para membros da congregação, se tornando nós de redes institucionais e gatilhos de rituais. Sobre o tema, é interessante o relato de Perry em um culto de comemoração especial: “Eu me sinto cheio de energia e eu amo tanto essas pessoas. Eu respondo a elas, assim como elas respondem a mim” (PERRY, 1994, p. 223, tradução nossa). O carisma aparece, então, enquanto performativo, ou seja, dependendo de uma agenda coletiva de interações, o que vai de acordo com as observações da bibliografia sobre a importância comunitária da MCC. Além do trecho citado acima, nota-se com clareza momentos em que essa dinâmica entra em jogo, fazendo com que Perry e o compartilhamento de sua experiência pessoal ou sua performatividade como pregador se tornassem o fio condutor da reunião dos membros.

Com isso se define melhor em que medida se busca analisar a figura de Perry e sua autobiografia. Seria difícil argumentar que a igreja criada por Perry fosse uma igreja pentecostal, mas parece ser um consenso; mesmo entre a bibliografia ou a literatura da MCC nos primeiros anos; que havia elementos dessa corrente que influenciavam a construção comunitária e institucional da MCC. Compreender em que medida Perry utilizou esses recursos nos ajuda a compreender melhor como ele se construiu como fiador da comunidade, como ele operacionalizou a transição, conforme o panorama teórico elaborado com base em Hervieu-Léger (2000, 2015).

Então, de que forma Perry se legitima como fiador desse regime de gestão da verdade? Aqui entra a necessidade do acompanhamento teórico de uma ‘sociologia do protesto religioso’ com sua fonte nas dinâmicas pertencentes ao profeta e ao carisma, principalmente sua ação como transformador social. Poderíamos operacionalizar a figura e autoconstrução de



Perry como uma narrativa profética nos termos de Bourdieu (2007), ou, mais especificamente, utilizar a literatura sobre a sociabilidade pentecostal construída com base nas tipologias weberianas.

O profeta seria uma força de oposição ao sacerdote, tido como gestor da economia de bens simbólicos. Enquanto o sacerdote tem sua legitimidade pelo carisma institucional estabilizado, o profeta tem sua força no carisma pessoal e na mensagem de revelação, que interessa a determinados grupos. Essa mensagem pode ser uma nova leitura do ritual sacerdotal; uma nova revelação ou mesmo uma releitura da mensagem inicial dada pela igreja; o que importa são as dinâmicas que vão se construindo, normalmente em tempos conturbados, entre os diferentes atores e posições sociais. De forma geral, o que se observa é que o profeta traz com sua revelação e carisma pessoal; embora, na análise de Bourdieu (2007), a ilusão da subjetividade dê lugar a determinantes sociais; uma mudança para o ‘cenário’ religioso, que pode dar origem a uma nova tradição com a rotinização do carisma profético, a uma adequação da profecia a instituição ou mesmo ao conflito direto entre as duas dinâmicas.

Essa dinâmica traz algumas considerações quanto a Perry, o discurso proferido pela MCC e também reposiciona o modo como enxergamos a autobiografia. Partindo das configurações contextuais que envolviam a MCC, há de se considerar que houve um esforço na construção de Perry como fundador, como se em seu papel de líder de carismático pudesse, ao fornecer uma experiência pessoal original: “Contribuir, em virtude unicamente de sua aura, para a evolução da rede espiritual que funciona em regime de validação mútua, rumo a um regime mais estruturado de validação comunitária do crer partilhado” (HERVIEU-LÉGER, 2015, p. 165). Isso é claro na autobiografia. O que faz passar as diferentes etapas; desde o silenciamento até a criação de uma instituição; é a experiência emocional de pertencimento a uma comunidade que tem como garantia a experiência pessoal e a performance de Perry.

Nesse processo transitório, o fundador da MCC aparece como arquiteto de um regime de gestão da verdade de forma a homogeneizar as diferenças de seus membros e construir um novo panorama; fortemente baseado no conflito com a tradição anterior; que englobe sua mensagem profética acerca da possibilidade do gay cristão. Segundo o próprio Perry: “Eu senti que o alcance da igreja era tal que acomodaria a todos. E acomoda!” (PERRY, 1994, p. 205, tradução nossa). No entanto, esse processo de gestão da diferença não poderia deixar de



ser conflituoso, como demonstram as diversas discussões internas e externas, além do cisma relatado na segunda autobiografia. Seria seu papel:

Gerir a dissociação crescente entre os dois imperativos contraditórios. O primeiro imperativo é o de alimentar um consenso teológico e ético mínimo, capaz de absorver e enquadrar, sem rompê-las, as diversas trajetórias cada vez mais individualizadas da identificação com a crença. O segundo imperativo é o de manter, ao mesmo tempo, um modelo suficientemente forte da verdade partilhada para evitar ser completamente invadido pelo movimento ofensivo dos pequenos mecanismos comunitários prontos a oferecer a fiéis perturbados pela ausência ou a perda de referências coletivas a segurança de um ‘código de verdade’ pronto para ser utilizado. (HERVIEU-LÉGER, 2015, p. 116).

Conclusão

As igrejas inclusivas são um campo ainda pouco explorado pela bibliografia, apesar do crescente interesse, e um setor do cristianismo em expansão no Brasil, mas que tem sua origem nas discussões sobre religião e sexualidade nos EUA. Buscando acessar essa discussão em seu começo, analisamos a primeira autobiografia do reverendo Troy Perry ‘The lord is my shepherd and he knows I’m gay’ (PERRY; 1994).

Partindo dos questionamentos direcionados a fonte, utilizamos o conceito de modernidade religiosa e considerações sobre a dinâmica religiosa pentecostal para nos auxiliar a compreender a fundação e o início da maior igreja inclusiva do mundo. A partir dessas reflexões foi possível observar de que modo as dinâmicas religiosas encontradas na fonte se encaixavam no contexto histórico e religioso dos EUA, principalmente o considerando como uma época de quebras institucionais.

Referências

BAUER, P. F. The homosexual subculture at worship: A participant observation study. **Pastoral Psychology**, v. 25, n. 2, p. 115–127, 1976.

BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.

CAMPOS, R. B. C. O profeta, a palavra e a circulação do carisma pentecostal. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 54, n. 2, 2012. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ra/article/view/39654>. Acesso em: 2 ago. 2022.



CAMPOS, R. B. C. Sharing charisma as a mode of pentecostal expansion. **Social compass**, [s. l.], v. 61, n. 3, p. 277-289, 2014. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0037768614535694>. Acesso em: 26 set. 2021.

HERVIEU-LÉGER, D. **O peregrino e o convertido**: A religião em movimento. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

HERVIEU-LÉGER, D. **Religion as a chain of memory**. New Brunswick: Rutgers University press, 2000.

MCKINNEY, W; ROOF, W.C. **American Mainline Religion**: Its Changing Shape and Future. [S. l.]: Rutgers University Press, 1986. Paginação irregular.

NATIVIDADE, M. Uma homossexualidade santificada? Etnografia de uma comunidade inclusiva pentecostal. **Revista Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, vol. 30, n. 2, p.90-121, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rs/v30n2/a06v30n2.pdf>. Acesso em: 15 out. 2019.

PERRY, T. D. **The Lord is my shepherd and he knows I'm gay**. 4. ed. Los Angeles: Universal fellowship press, 1994.

ROBBINS, J. Pentecostal networks and the spirit of globalization: On the social productivity of ritual forms. **Social analysis**, [s. l.], v. 53, n. 1, p. 55-66, 2009. Disponível em: <https://www.berghahnjournals.com/view/journals/social-analysis/53/1/sa530104.xml>. Acesso em: 26 set. 2021.

WHITE, H. R. **Homosexuality, gay communities, and American churches**: a history of a changing religious ethic, 1946-1977 (tese). Princeton university, 2007.

WILCOX, M. Of Markets and Missions: The Early History of the Universal Fellowship of Metropolitan Community Churches. **Religion and American Culture**, A Journal of Interpretation, Indianapolis, vol. 11, n. 1, p. 83-108, 2001. Disponível em: [10.1525/rac.2001.11.1.83](https://doi.org/10.1525/rac.2001.11.1.83). Acesso em: 15 out. 2019.